

ESCOLA _____ DATA ____/____/20__

NOME _____ N.º ____ TURMA _____

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

A

Leia o poema.

A MISÉRIA DO MEU SER

A miséria do meu ser,
Do ser que tenho a viver,
Tornou-se uma coisa vista.
Sou nesta vida um qualquer
5 Que roda fora da pista.

Ninguém conhece quem sou.
Nem eu mesmo me conheço
E, se me conheço, esqueço,
Porque não vivo onde estou.
10 Rodo, e o meu rodar apresso.

É uma carreira invisível,
Salvo onde caio e sou visto,
Porque cair é sensível
Pelo ruído imprevisto...
15 Sou assim. Mas isto é crível?

19 - 9 - 1933

Fernando Pessoa, in *Poesia: 1931-1935 e não datada*, Assírio & Alvim (ed. lit. de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine), Lisboa, 2006.

1. Proceda à caracterização do sujeito poético, atendendo às duas primeiras estrofes.
2. Explique em que circunstâncias o “eu” dá conta da sua existência.
3. Evidencie de que modo o último verso se pode constituir como uma síntese da reflexão anteriormente tecida.

B

Leia o excerto.

[...] Abria S. António a boca contra os Hereges, e enviava-se a eles, levado do fervor e zelo da Fé e glória divina. E eles o que faziam? Gritavam como Tobias e assombravam-se com aquele homem e cuidavam que os queria comer. Ah homens, se houvesse um Anjo que revelasse qual é o coração desse homem e esse fel que tanto vos amarga, quão proveitoso e quão necessário vos é! Se vós lhe abrisseis esse peito e lhe vísseis as entranhas, como é certo que havíeis de achar e conhecer claramente nelas que só duas cousas pretende de vós, e convosco: uma é iluminar e curar as vossas cegueiras, e outra lançar-vos os Demónios fora de casa. Pois a quem vos quer tirar as cegueiras, a quem vos quer livrar dos Demónios, persegui vós?! Só uma diferença havia entre S. António e aquele Peixe: que o Peixe abriu a boca contra quem se lavava, e S. António abria a sua contra os que se não queriam lavar. Ah moradores do Maranhão, quanto eu vos pudera agora dizer neste caso! Abri, abri estas entranhas; vede, vede este coração. Mas ah sim, que me não lembrava! Eu não vos prego a vós, prego aos peixes.

Padre António Vieira, “Sermão de Sto. António” in *Sermão de Sto. António (aos peixes) e Sermão da Sexagésima*, (apresentação crítica de Margarida Vieira Mendes), Seara Nova, 1978.

4. Justifique a referência a Santo António neste momento textual, considerando também o título do sermão.
5. Comprove que este sermão de António Vieira é claramente uma alegoria.

GRUPO II

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta.

Leia o seguinte texto.

Voltar à Síria

Grandes tragédias exigem grandeza política. A redefinição da estratégia ocidental em relação à Síria constitui a prioridade absoluta.

Os gabinetes dos grandes deste mundo têm pelo menos um ponto em comum com os cafés das aldeias portuguesas: as televisões estão sempre ligadas. Assim são os tempos que vivemos. O que aparece na televisão conta e influencia as tomadas de decisão. É o que está a acontecer com as imagens sobre os refugiados, que a toda a hora nos encham os ecrãs. A repetição amplifica o problema. E está a obrigar os políticos a refletir de modo diferente sobre as crises no Médio Oriente, bem como sobre as ineficiências na cooperação para o desenvolvimento, nomeadamente em África.

Cada desgraça que atravessa o Mediterrâneo vem lembrar-nos que o tempo para superficialidades e remendos acabou. Tem de se ir ao cerne dos problemas, com honestidade e coragem políticas. É preciso equacionar soluções que nos pareçam, até este verão, impensáveis. Grandes tragédias exigem grandeza política. A redefinição da estratégia ocidental em relação à Síria constitui a prioridade absoluta. É aí que se situa o olho da tormenta que destrói vidas e contagia uma vasta área geopolítica, incluindo agora a UE. Passados mais de quatro anos de guerra civil e perante a evidência do fracasso da linha seguida até ao momento, é essencial repensar como acabar com a crise.

Não creio que possam existir dúvidas quanto aos objetivos que contam: restabelecer a paz e, ao mesmo tempo, aniquilar o grupo terrorista conhecido como o Estado Islâmico. É evidente que estamos perante dois intentos muito complexos. Têm, contudo, que ser atingidos. As alternativas seriam a continuação das vidas destroçadas, da morte, da desestabilização da região, dos êxodos e a expansão do terror, da barbárie, dos crimes contra a Humanidade e o património histórico. São, também é verdade, duas ambições de alto custo. Mas, cuidado, que os custos do medo, do desespero e da destruição são incomparavelmente maiores, para além de serem moral e politicamente inaceitáveis. [...]

Victor Ângelo, in *Visão*, n.º 1176, 17 de setembro de 2015.

1. Ao referir-se aos “grandes deste mundo”, o cronista destaca
 - (A) o envolvimento das grandes potências mundiais na solução do problema sírio.
 - (B) a necessidade de os países mais desenvolvidos encontrarem novas soluções para os problemas da humanidade.
 - (C) os problemas criados pelas nações envolvidas direta ou indiretamente no conflito.
 - (D) a ação apaziguadora dos países mais ricos nos diferentes cenários de guerra.

2. O enfoque constante nos refugiados sírios contribui para
 - (A) tomar decisões rapidamente.
 - (B) encher os cafés.
 - (C) recordar conflitos anteriores.
 - (D) ampliar esta situação dramática.

3. Na expressão “Cada desgraça que atravessa o Mediterrâneo” (l. 10), o autor utiliza
 - (A) uma metáfora.
 - (B) uma personificação.
 - (C) um assíndeto.
 - (D) uma comparação.

4. Na opinião do autor da crónica, a prioridade dos grandes deveria centrar-se
 - (A) na destruição de todos os estados islâmicos e dos extremistas.
 - (B) no restabelecimento da paz e na destruição do Estado Islâmico.
 - (C) na fortificação de todas as fronteiras para proteção dos cidadãos.
 - (D) no reconhecimento do sucesso das políticas encetadas até agora.

5. A palavra sublinhada na expressão “Assim são os tempos que vivemos.” (ll. 4-5) desempenha a função sintática de
 - (A) sujeito.
 - (B) complemento direto.
 - (C) predicativo do sujeito.
 - (D) modificador do grupo verbal.

6. A oração “que a toda a hora nos enchem os ecrãs” (l. 6) classifica-se como subordinada
 - (A) substantiva completiva.
 - (B) adjetiva relativa restritiva.
 - (C) adjetiva relativa explicativa.
 - (D) substantiva relativa.

7. Na expressão “é essencial repensar como acabar com a crise” (l. 17) apresenta-se
 - (A) uma certeza.
 - (B) uma apreciação.
 - (C) uma probabilidade.
 - (D) uma obrigação.

Responda aos itens seguintes.

8. Identifique o antecedente do pronome relativo “que” em “que a toda a hora nos enchem os ecrãs” (l. 6).
9. Identifique a função sintática desempenhada pela oração subordinada substantiva completiva “que estamos perante dois intentos muito complexos” (l. 20).
10. Indique o processo regular de formação de palavras presente em “desestabilização” (l. 22).

GRUPO III

Tal como no passado se assistiram a massacres hediondos, autorizados por figuras que se intitularam líderes supremos, é possível assistir ainda em vários países, na atualidade, ao sofrimento desumano das populações.

Escreva uma reflexão de 200 a 300 palavras sobre os crimes perpetrados contra a Humanidade, baseando-se, por exemplo, nos recentes acontecimentos que envolvem o Estado Islâmico e a atuação das grandes potências mundiais.

Fundamente o seu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustre cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

PROPOSTA DE COTAÇÃO

GRUPO I

A.

1. 20 pontos
Conteúdo: (12 pontos) + Forma: (8 pontos)
2. 20 pontos
Conteúdo: (12 pontos) + Forma: (8 pontos)
3. 20 pontos
Conteúdo: (12 pontos) + Forma: (8 pontos)

B.

4. 20 pontos
Conteúdo: (12 pontos) + Forma: (8 pontos)
5. 20 pontos
Conteúdo : (12 pontos) + Forma: (8 pontos)

100 pontos

GRUPO II

1-10 10 itens x 5 pontos cada

50 pontos

GRUPO III

Estruturação temática e discursiva 30 pontos
Correção linguística 20 pontos

50 pontos

TOTAL **200 pontos**

PROPOSTA DE CORREÇÃO

GRUPO I

A

1. O sujeito poético autocaracteriza-se como sendo um ser miserável, afirmando que tal resulta da sua insignificância e/ou da sua inexistência. Considera-se um desconhecido dos outros e dele próprio, sentindo-se deserdado e desintegrado da vida e da sociedade.
Em suma, o “eu” poético manifesta um forte pendor nihilista, porque se autoanula, desconhece-se, ou seja, sente-se alheio de si e dos outros, vivendo numa espécie de levitação.
2. O “eu” só dá conta da sua existência quando cai, ou seja, quando sente e quando é visto. Na verdade, só existe quando tem consciência, quando se integra no mundo sensível e, ao cair, produz um ruído que o desperta para a realidade, e a sua presença ou o seu ser se concretiza, ganha visibilidade.
3. Na última estrofe surge a ideia de que o sujeito poético terminou a sua autoanálise, principalmente quando afirma “Sou assim. Mas isto é crível?”. Neste verso percebe-se claramente o valor conclusivo e do conector “assim”, a iniciar a síntese da descrição anteriormente feita, e, com o pronome “isto”, também se assiste à retoma do que foi dito atrás, além de sugerir o desconhecimento ou a incompreensão deste “eu” que se procura a si próprio.

B

4. Vieira intitulou este discurso de “Sermão de Santo António”, numa clara homenagem ao santo que recorrentemente evoca ao longo do seu texto. Este homem é para o orador um modelo a seguir, alguém que devia ser imitado em todas as suas ações, porque sempre pregou e procurou evangelizar os infiéis, convertendo-os à fé cristã para sua salvação.
Por isso, depois de dar conta do poder curativo do peixe de Tobias, vai compará-lo com Santo António. O peixe, ao abrir a boca a Tobias, fê-lo tremer e pensar no seu fim, acabando, no entanto, por ser salvo; do mesmo modo, também o santo português pregava (abria a boca) para espalhar a palavra de Deus e, assim, livrar os homens dos demónios, ou melhor, dos pecados, que deles se apossavam.
5. Todo o sermão de Vieira é uma alegoria, uma vez que o orador, embora se dirija aos peixes, relevando ora os seus defeitos ora as suas virtudes, tem o objetivo de atingir os homens. Sendo assim, percebe-se que todos os vícios denunciados ou virtudes relevadas são visíveis nos seres humanos. A prova é que Vieira, neste momento textual, se dirige aos “moradores do Maranhão”, querendo depois fazer crer que o fizera inadvertidamente.

GRUPO II

1. (B)
2. (D)
3. (A)
4. (B)
5. (C)
6. (C)
7. (D)
8. “as imagens sobre os refugiados”.
9. Sujeito.
10. Derivação por prefixação e sufixação.

GRUPO III

Resposta de carácter pessoal, mas que deverá ser classificada de acordo com os critérios de correção dos exames nacionais.